

# Foi a ascensão da classe de Davos que selou o destino da América

Eles vão culpar James Comey e o FBI. Eles vão culpar a supressão dos eleitores e o racismo. Eles vão culpar Bernie ou a misoginia. Eles vão culpar terceiros e candidatos independentes. Culparão a mídia corporativa por lhe dar holofote, a mídia social por ser seu megafone e a WikiLeaks por expor a roupa suja.

Mas isso deixa de fora a força mais responsável por criar o pesadelo em que agora nos encontramos bem despertos: o neoliberalismo. Essa cosmovisão – totalmente encarnada por Hillary Clinton e sua máquina – não está à altura do extremismo estilo Trump. A decisão de colocar um contra o outro foi o que selou o nosso destino. Se não aprendermos mais nada, podemos, por favor, aprender com esse erro?

Eis o que temos de compreender: muitas pessoas estão sofrendo muito. No âmbito das políticas neoliberais de desregulamentação, privatização, austeridade e comércio empresarial, os seus níveis de vida diminuíram precipitadamente. Perderam postos de trabalho. Perderam pensões. Perderam grande parte da rede de segurança que costumava tornar estas perdas menos assustadoras. Vêem um futuro para os seus filhos ainda pior do que o seu precário presente.

Ao mesmo tempo, testemunharam a ascensão da classe de Davos, uma rede hiperconectada de bilionários bancários e tecnológicos, líderes eleitos que são terrivelmente confortáveis com esses interesses, e celebridades de Hollywood que fazem tudo isso parecer insuportavelmente glamoroso. O sucesso é uma festa para a qual eles não foram convidados, e

eles sabem em seus corações que essa crescente riqueza e poder está de alguma forma diretamente ligada a suas crescentes dívidas e impotência.

Para as pessoas que viam a segurança e o status como o seu direito de nascimento – e isso significa, acima de tudo, homens brancos -, estas perdas são insuportáveis.

Donald Trump fala diretamente para essa dor. A campanha do Brexit falou dessa dor. O mesmo acontece com todos os partidos de extrema-direita em ascensão na Europa. Respondem-lhe com nacionalismo nostálgico e raiva das burocracias econômicas remotas – seja Washington, o acordo de comércio livre norte-americano, a Organização Mundial do Comércio ou a UE. E, claro, eles respondem a isso criticando os imigrantes e as pessoas de cor, difamando os muçulmanos e degradando as mulheres. O neoliberalismo de elite não tem nada a oferecer essa dor, porque o neoliberalismo desencadeou a classe Davos. Pessoas como Hillary e Bill Clinton são o brinde do partido Davos. Na verdade, eles a organizaram.

A mensagem do Trump era: “Tudo é inferno”. Clinton respondeu: “Tudo está bem”. Mas não está bem – longe disso.

As respostas neofascistas à insegurança e à desigualdade desenfreadas não vão desaparecer. Mas o que sabemos da década de 1930 é que o que é preciso para combater o fascismo é uma verdadeira esquerda. Um bom pedaço do apoio de Trump poderia ser retirado se houvesse uma genuína agenda redistributiva em cima da mesa. Uma agenda para assumir a classe bilionária com mais do que retórica, e usar o dinheiro para um novo acordo verde. Tal plano poderia criar uma onda gigantesca de empregos sindicalizados bem pagos, trazer recursos e oportunidades tão necessários para as comunidades de cor, e insistir que os poluidores devem pagar para que os trabalhadores sejam requalificados e plenamente incluídos neste futuro.

Podemos criar políticas que combatam simultaneamente o racismo

institucionalizado, a desigualdade econômica e as alterações climáticas. Poderia assumir maus negócios comerciais e violência policial, e honrar os povos indígenas como os protetores originais da terra, da água e do ar.

As pessoas têm o direito de ficar com raiva, e uma agenda de esquerda poderosa e interseccional pode direcionar essa raiva para onde ela pertence, enquanto lutam por soluções holísticas que unirão uma sociedade desgastada. Tal coalizão é possível. No Canadá, nós começamos a juntar tudo isso sob a bandeira de uma agenda popular chamada O Manifesto do Salto, endossada por mais de 220 organizações do Greenpeace Canadá, Black Lives Matter Toronto e alguns de nossos maiores sindicatos.

A espantosa campanha de Bernie Sanders contribuiu em muito para a construção deste tipo de coligação e demonstrou que o apetite pelo socialismo democrático está lá fora. Mas logo no início, houve um fracasso na campanha para se conectar com os eleitores negros e latinos mais velhos, que são os mais abusados demograficamente pelo nosso modelo econômico atual. Esse fracasso impediu que a campanha atingisse todo o seu potencial. Esses erros podem ser corrigidos e uma coalizão ousada e transformadora está lá para ser construída.

Essa é a tarefa que temos pela frente. O Partido Democrata tem de ser arrancado de forma decisiva aos neoliberais pró-corporativos, ou tem de ser abandonado. De Elizabeth Warren a Nina Turner, passando pelos ex-alunos do Occupy que levaram a supernova da campanha Bernie, há um campo mais forte de líderes progressistas inspiradores de coligações do que em qualquer outro momento da minha vida. Somos "líderes", como dizem muitos no Black Lives Matter.

Então vamos sair do choque o mais rápido que pudermos e construir o tipo de movimento radical que tem uma resposta genuína para o ódio e o medo representados pelos Trunfos deste mundo. Vamos deixar de lado o que quer que seja que nos esteja a separar e começar agora mesmo.

Original: The Guardian